

Cortesia linguística e interjeição em Português Europeu

David F. Rodrigues
ESE-IPVC

«Dans la perspective d'une théorie des actes de langage, l'interjection ne peut plus être considérée comme un phénomène marginal ou insignifiant. Elle acquiert un statut central: c'est le lieu privilégié où se marque l'interaction des individus.»
(Sirdar-Iskandar, 1980: 161)

Apesar da quantidade e recorrência, a nível sobretudo oral ou em representações escritas de oralidades, e dos valores pragmáticos que expressam e desempenham, nas diferentes interações verbais, as interjeições têm sido geralmente esquecidas e pouco estudadas. Nos últimos tempos, porém, têm vindo a merecer uma renovada atenção de linguistas, em particular daqueles que se situam em domínios da Análise Discursivo-textual.

Como outras fórmulas, também as interjeições servem para expressar, consoante os contextos e cotextos, efeitos de cortesia e/ou de descortesia verbal e, assim, revelar ou estabelecer também relações interpessoais simétricas ou assimétricas de distanciamentos horizontal (proxémicas) e/ou vertical (taxémicas).

Procurar-se-á analisar, nesta comunicação, tais efeitos, no quadro geral da Cortesia Linguística, entendida, por um lado, como uma dimensão fundamental da competência discursivo-textual e, por outro, como domínio linguístico de estudo dos comportamentos verbais corteses e descorteses.¹

A teoria de descrição e análise adoptada (e adaptada) é a proposta por Catherine Kerbrat-Orecchioni. Trata-se de um modelo teórico eclético, como se verá, e que a conhecida linguista expõe, sobretudo, em *Les Interactions Verbales II* (1992), com versão resumida ao essencial, em *La Conversation* (1996).

Não se dedicará atenção especial à definição, estatuto, classificações e descrições que gramáticos e linguistas, nacionais e estrangeiros, têm dado da interjeição. Tal problemática encontra-se devidamente exposta, nos estudos que Miguel Gonçalves tem dedicado a este fenómeno linguístico, particularmente, em Gonçalves (2002).

¹ Cf. Rodrigues (2002) Para uma síntese teórica da Cortesia Linguística e sua aplicação à análise de algumas formas de tratamento, corteses e descorteses, em Português Europeu; cf. também Rodrigues (2000).

As interjeições serão entendidas, nesta comunicação, independentemente da sua complexidade constitutiva e grau de autonomia referencial (geralmente muito reduzida ou mesmo nula), como fórmulas discursivo-textuais que também podem realizar, consoante o contexto e cotexto das práticas em que ocorram, actos directores ou subordinados de cortesia e/ou de descortesia. Actos, uns e outros, intencionalmente orientados para lesar (ferir, ofender, ameaçar) ou para valorizar (elogiar, preservar) as faces do(s) interlocutor(es) e/ou de terceiro(s), presente(s) ou ausente(s), encontre(m)-se o(s) primeiro(s) em situação efectiva de interlocução ou não.

A Cortesia Linguística, enquanto modelo de descrição e análise, parece ser domínio ainda pouco estudado e conhecido, em Portugal.² Começar-se-á, por isso, pela sua apresentação teórica, ainda que necessariamente breve. Observe-se, entretanto, o esquema seguinte (Fig. 1), onde se procura situar a Cortesia Linguística no quadro da Cortesia Geral.

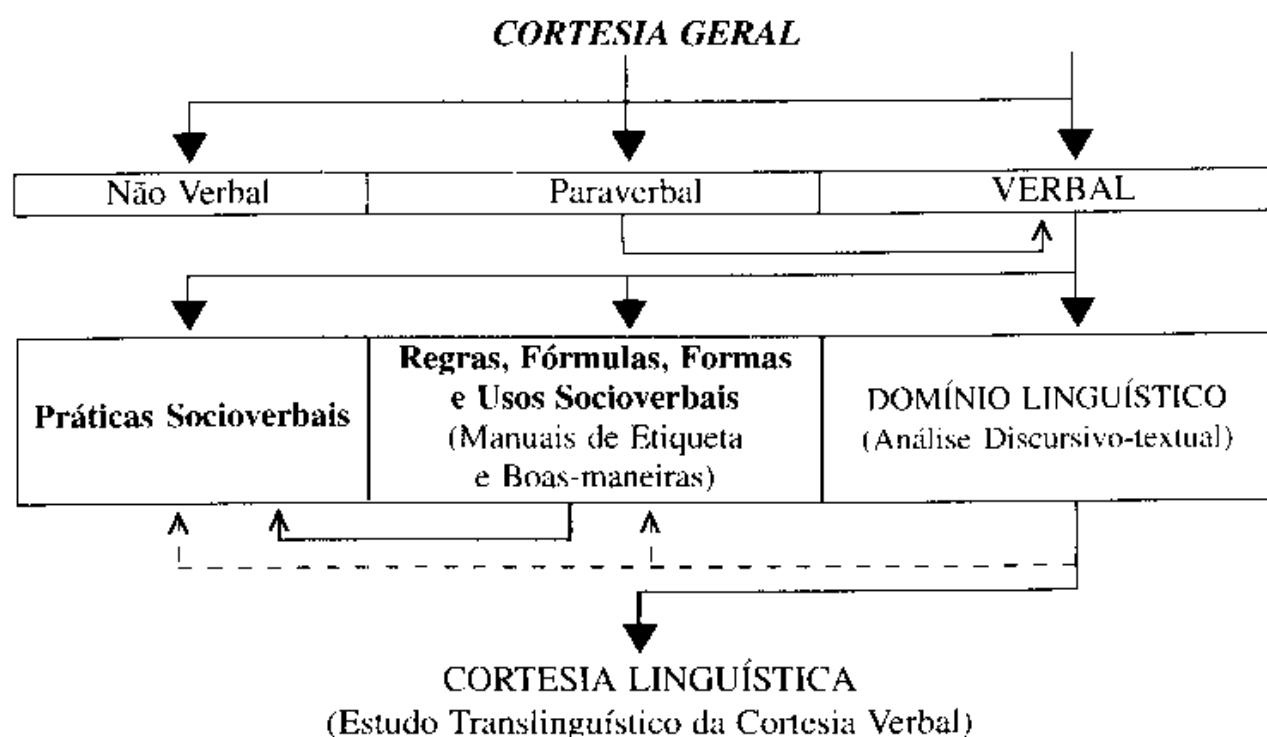


Fig. 1: A Cortesia Linguística no quadro da Cortesia Geral.

A Cortesia Verbal constitui um ramo da Cortesia Geral. Esta inclui também as *cortesias e descortesias não verbais e paraverbais*. Os comportamentos socioverbais, realizados em práticas discursivo-textuais, constituem o objecto da Cortesia Linguística, onde cabem também as teorias e modelos de sua descrição e análise, as regras e regularidades, inventariadas e descritas por gramáticos e linguistas da língua ou sistema, bem como o conjunto das formas e fórmulas verbais corteses e/ou descorteses. É por isso que se enten-

² São de referir, não obstante, os estudos de Carreira (1995/1997 e 2001) e de Medeiros (1985). Este último centrado, unicamente, nas formas de tratamento, segundo uma perspectiva sociolinguística.

de a Cortesia Linguística, por um lado, como uma competência discursivo-textual e, por outro, como *o estudo translinguístico das cortesias e descortesias verbais*.

Todas as práticas socioverbais [orais ou escritas, formais ou informais, correntes ou ficcionais (incluindo as literárias)] são expressões, ou formas e construções que se apresentam sempre mais ou menos marcadas, explícita ou implicitamente, por cortesias e/ou descortesias. As cortesias verbais destinam-se ora a atenuar comportamentos descorteses, ora a produzir e/ou a intensificar comportamentos corteses. As descortesias podem ser também intensificadas através da repetição e/ou acumulação de actos verbais, paraverbais e não verbais descorteses.

Tais formas e construções, como estratégias de cortesia e/ou de descortesia, visam *estabelecer equilíbrios ou desequilíbrios interpessoais*, existentes, presumidos ou desejados. Servem também (e a maior parte das vezes) para alcançar fins não imediatos de pura cortesia ou descortesia. Neste último caso, são utilizadas como *cortesias ou descortesias estratégicas*, com *objectivos argumentativos de efeitos perlocutórios* mais ou menos evidentes. Convém distinguir, portanto, *estratégias de cortesia ou descortesia*, de *cortesias ou descortesias estratégicas*. É por isso que uma perspectiva retórica, de natureza dialógica e polifónica, acompanha sempre a análise dos comportamentos verbais corteses ou descorteses, já que retóricos são também os interlocutores, nas suas práticas discursivo-textuais.

É difícil não se ter em consideração, pelo menos depois dos estudos do «Círculo Bakhtine» (Bakhtine, 1970 e 1992; Bakhtine & Volochínov, 1981 e 1992), *a natureza intrinsecamente interaccional da linguagem verbal*, quando se estudam os fenómenos discursivo-textuais e os mecanismos que lhes estão subjacentes. As formas e construções corteses e/ou descorteses encontram-se, por isso, tanto nas interacções verbais em sentido estrito (nas chamadas interlocuções, diálogos, conversas ou conversações), como nas interacções verbais em sentido lato (nas chamadas alocações, ou comunicações ditas – impropriamente ditas, diga-se – unidireccionais). Ainda que seja nas primeiras onde se encontram, em maior número, variedade e grau, os actos de cortesia e/ou de descortesia.

Falar e escrever é sempre interagir, porque partilhar, cooperar, comunicar. Os interactantes (interlocutores efectivos ou não) agem (melhor, co-agem) sempre uns sobre os outros, directa ou indirectamente, em presença ou em ausência, mediata ou imediatamente. Vendo e dando a ver, se necessário, de si próprios e do interlocutor ou terceiro(s), não só o que de facto se é, mas também o que se deseja ser, ou deseja que o(s) outro(s) seja(m) [ou interessa ser, isto é, parecer, ou que o(s) outro(s) seja(m), isto é, pareçam], naquele momento ou noutra, passado ou futuro. Para isso e por isso, isto é, porque sempre em interacção, é que quem fala ou escreve sempre é – terá de ser – mais ou menos cortês ou descortês, mesmo em situações de monólogo ou solilóquio.

Catherine Kerbrat-Orecchioni constrói o seu modelo eclético de descrição e análise da cortesia verbal sobre as teorias **fundadoras** de Lakoff (1973), de Leech (1996) e, sobretudo, de Brown & Levinson (1996). As teorias de Lakoff e de Leech assentam nas Máximas de Cortesia e no Princípio de Cortesia, enquanto a de Brown & Levinson num conjunto de estratégias de cortesia. Através destas, os interlocutores, dada a «natureza

agressiva» das relações humanas, procuram atenuar os actos que *ameacem* as *faces*, tanto as do(s) outro(s) como as próprias. Todas estas teorias se **fundamentam**, por seu turno, na conhecida *Teoria Illocutória dos Actos de Fala*, proposta por Austin (1970) e depois desenvolvida por Searle (1981, 1982), no seu *Princípio de Cooperação* e nas *Máximas Conversacionais* (Grice, 1995), e, fundamentalmente, nas *Teorias da Face* e *Territórios do Eu* de Goffman (1973, 1974).³

O modelo de Kerbrat-Orecchioni apresenta uma concepção mais optimista das relações humanas. Considera, por isso, que nas interlocuções não se realizam apenas *Actos Ameaçadores de Face* (FTA, mantendo-se a sigla de *Face Threatening Act*), como defendem Brown & Levinson, que é preciso evitar ou atenuar, mas também *Actos Valorizadores de Face* (FFA, *Face Flattering Act*), noção complementar daquela. Por outro lado, a linguísta francesa precisa as noções de *cortesia negativa* e de *cortesia positiva*, pouco claras na teoria de Brown & Levinson. Nesse sentido, considera a primeira de natureza *abstencionista* (não realizar actos descorteses), ou *substitutiva* e *compensadora* (se o locutor, não podendo evitar um FTA, o *substitui* por outro menos lesivo e/ou *compensa*, de alguma maneira, os danos que com ele possa causar). A cortesia positiva, por seu turno, é de natureza *produtiva*, porque serve para realizar um ou mais FFA's, essencialmente orientados para o alocutário. Esclarece, ainda, as noções de *face negativa* e de *face positiva*, fazendo corresponder à primeira os *territórios* goffmanianos e à segunda o *narcisismo*, dir-se-á melhor, a *autoestima*, que todo o ser humano possui, em maior ou menor grau.

Com base neste modelo, elaborou-se o esquema seguinte (Fig. 2), no qual se procura sintetizar o essencial dos fenómenos verbais corteses e descorteses. Um acto de cortesia ou de descortesia, ao ser proferido, provoca sempre um efeito de *boomerang*.

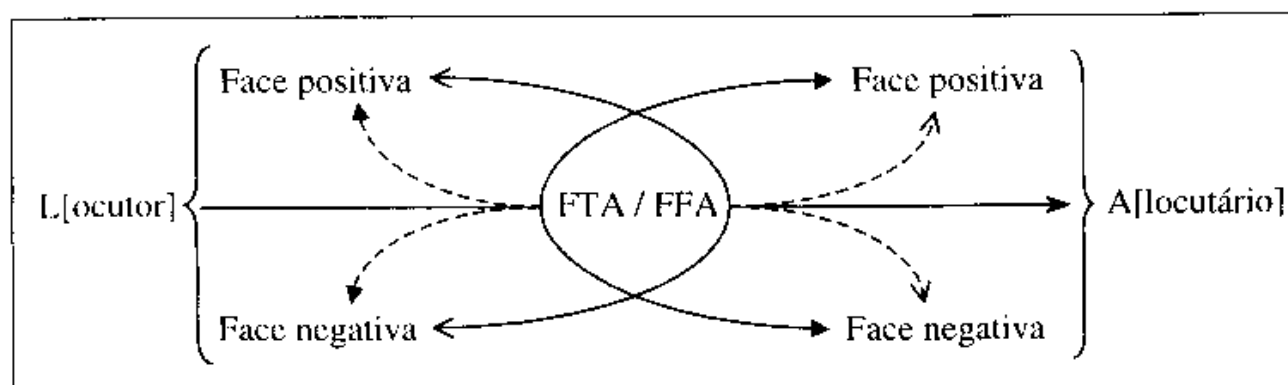


Fig. 2: Actos (des)corteses e efeito de *boomerang*.

Articulando e cruzando os pares ou eixos **Princípios orientados para as faces do A[locutário] vs. Princípios orientados para as faces do L[ocutor]**, e, dentro destes, as noções de **Cortesia Negativa vs. Cortesia Positiva**, e de **Face Negativa vs. Face Positiva**, verifica-se que, numa *situação diádica interlocutiva*, são sempre quatro (pelo menos) as

³ Todos os anos indicados referem-se às datas das edições consultadas. Para os anos das primeiras edições, ver «Referências».

faces em presença e alvo de potenciais *ameaças* (FTA's) ou *valorizações* (FFA's). Assim, um FTA ou um FFA, ao atingir, *directamente* (setas de cauda contínua), uma ou ambas as faces de A ou de L, atingem sempre, também, mas *indirectamente* (setas de cauda tracejada), a(s) própria(s) face(s) daquele que fala ou escreve.

Os meios e mecanismos de construção e expressão de cortesia e descortesia verbal agrupam-se em actos de cortesia negativa (isto é, que *atenuam* FTA's) e de cortesia positiva (isto é, que constituem FFA's), formando os respectivos conjuntos categorias abertas. Os primeiros constituem realizações *substitutivas* ou *acompanhantes* de FTA's, enquanto os segundos são realizações *produtivas* de FFA's. Trata-se, porém, num caso como noutro, de processos cumuláveis, fenómeno que nos leva a estabelecer uma distinção entre **FFA de Cortesia Negativa**, isto é, que acompanha a realização de FTA's, e **FFA de Cortesia Positiva**, isto é, que acompanha a realização de FFA's. O primeiro serve, assim, para *intensificar a atenuação de um FTA*, enquanto o segundo serve para *intensificar a valorização de FFA's*. Trata-se, no fundo (e em síntese), da *atenuação de descortesias*, no primeiro caso, e da *intensificação de cortesias*, no segundo.

É neste quadro teórico da Cortesia Linguística, brevemente esboçado, que se vai situar, agora, a problemática das interjeições portuguesas e dos valores corteses e/ou descorteses que elas podem expressar, consoante os contextos e cotextos em que ocorram. O seu uso, sobretudo daquelas cuja realização mais se aproxima dos sons instintivos produzidos pelo homem¹, («gritos articulados de sentido afectivo», chama-lhes Gonçalves (2002: 351)), tais como *Ah!*, *Eh!*, *Ei!*, *Hã!*, *Nh!*, *Ai!*, *Ui!*, etc., é socialmente visto como uma descortesia ou, pelo menos, como um comportamento socioverbal pouco cortês. Os manuais de bom tom, etiqueta ou boas maneiras prescrevem que

«Se não percebemos qualquer coisa que nos digam, nunca deveremos perguntar “O quê?”, e muito menos “Hã?”, pois há outras expressões bastante mais delicadas, como por exemplo, “Desculpe, não percebi o que disse”, ou simplesmente “Como?”» (Gião, 1988: 144)

A propósito, e como exemplo, veja-se a reacção de Rola, em *Terras do Demo*, ao emprego dum interjeição deste tipo, pela mulher:

«– Dize cá, Florinda [...], se hoje larapiasses dinheiro, que é um supor, e tivesses de o esconder, onde é que o metias?

– Sei lá! [...] Num buraco.

¹ Herculano de Carvalho observa que está na «origem dos significantes interjectivos nas suas formas mais típicas, - como *ah!*, *ó!*, *ai!*, *ui!*, *arre!*, *irra!*, etc. - não qualquer cópia ou imagem intencional de um objecto sonoro, mas sons que, produzidos pelo homem, constituem prolongamentos externos, com carácter instintivo - não intencional, portanto -, de estados emocionais, de perturbações internas de natureza psico-física, como são o grito - de dor, de surpresa ou medo, de alegria -, o gemido, o suspiro, etc.» Estes «puros indícios, da mesma natureza que um esgar de dor, ou que os sons emitidos pelos animais» transformaram-se, com o tempo, em interjeições plenamente constituídas, ganhando um carácter intencional, uma forma constante e um valor significativo, ao serem produzidos «repetidamente pelos mesmos sujeitos numa série de actos determinados por circunstâncias similares». (Cf. Carvalho, 1973 (Tomo I): 194 a 198)

– Mas ouve, cabeça de arolo, há esconder e esconder. Esconder coisa de que ninguém deu fé e de que ninguém anda à coca, é um cantar: esconder coisa que deu nas vistas e que escape ao lúzio do mais pintado, é outro cantar. Estás percebendo?

– *Ham?*

– *Ham, zurram os burros.*

– Entendo-te lá, homem!

– Se suspeitasses que vinham a descobrir a ariosca, onde o metias?»

(Ribeiro, 1983b: 98. Itálicos da nossa responsabilidade)

A intervenção de Rola, comentando e censurando o uso da interjeição *Ham?*, mostra que o uso destas fórmulas não são próprias de gente, mas de animais. Ou seja, o seu emprego é uma descortesia, não só em relação ao alocutário, mas também em relação ao próprio locutor, conforme resulta da metáfora depreciativa utilizada na réplica.

Mas estas interjeições são não lexicais, próximas do «grito». Passar-se-á o mesmo com as interjeições lexicais, isto é, aquelas que constituem lexemas e expressões dotadas duma relativa autonomia referencial? Vejamos.

Se se analisar uma lista das interjeições portuguesas, verificar-se-á que várias delas apresentam valores semântico-pragmáticos já lexicalizados e gramaticalizados de cortesia ou de descortesia. Além disso, umas estão mais orientadas para a valorização das faces dos alocutários (FFA's), enquanto outras estão mais orientadas para ameaça dessas mesmas faces (FTA's). Isto, em contextos e cotextos não irónicos, como é evidente.

Reúnem-se, no quadro seguinte (Fig. 3), as interjeições que se consideram orientadas para as faces do alocutário (A-orientadas), ora para as valorizar (FFA's), ou para as ameaçar (FTA's). Há, porém, outras interjeições que, mais uma vez e sempre consoante os co(n)textos, tanto podem ser FFA's como FTA's. Trata-se, no primeiro caso, de interjeições que, proferidas com o sentido de, por exemplo, advertir alguém de perigo eminente, ou de ajuda e incentivo a acção, realizam ou acompanham FFA's. No segundo caso, visam efeitos contrários e realizam ou acompanham a realização de FTA's. Colocam-se, na coluna «Mistas», tais interjeições.⁵

| INTERJEIÇÕES A-ORIENTADAS | | |
|---------------------------|-----------------------|--------------------|
| Valorização (FFA's) | Mistas | Ameaça (FTA's) |
| <i>Belo!</i> | <i>Alto!</i> | <i>Abaixo!</i> |
| <i>Bravo!</i> | <i>Avante!</i> | <i>Abrenúncio!</i> |
| <i>Coitadinho/a!</i> | <i>Caramba!</i> | <i>Basta!</i> |
| <i>Coragem!</i> | <i>Cuidado!</i> | <i>Bem, bem!</i> |
| <i>Estupendo!</i> | <i>Deus queira!</i> | <i>Fora!</i> |
| <i>Ótimo!</i> | <i>Oxalá!</i> | <i>Morra!</i> |
| <i>Que pena!</i> | <i>Quem nos dera!</i> | <i>Ora esta!</i> |
| <i>Viva!</i> | <i>Silêncio!</i> | <i>Tomu!</i> |
| ... | ... | ... |

Fig. 3: Quadro de interjeições portuguesas

⁵ Para a distribuição destas interjeições, segundo os seus valores de cortesia e/ou de descortesia, servimo-nos, por um lado, da nossa experiência pessoal e das definições que se encontram no *DLPCAFL*.

Considere-se, por exemplo, a interjeição «*Alto!*», acompanhada ou não de partículas de reforço e apelo. O *DLPACL* dá dela as seguintes definições:

«1. Voz de comando usada para mandar parar ou suspender determinada acção ou actividade. *Alto!*, gritou o polícia, levantando a mão. 2. Usa-se para manifestar desacordo com o que acaba de ser dito e para interromper o discurso. **alto aí**, o m[esmo] que *alto*. *Alto aí que esse carro é meu!* **alto lá**, o m. que *alto*. *Alto lá, não te admito que me fales dessa maneira.*» (*DLPACL*, 2001 (vol. I): 191)

As definições 1 e 2 podem situar a utilização desta interjeição, no âmbito dos fenómenos descorteses, uma vez que se trata de actos directivos que lesam, de algum modo, as faces do alocutário, ao serem realizados sem atenuadores. Cabe observar, porém, que o primeiro exemplo não cabe nos fenómenos da (dês)cortesia, por se tratar de uma ordem dada por uma autoridade legítima (um polícia) e em co(n)texto presumivelmente adequado.

A definição 1 pode verificar-se, todavia, noutras situações, ainda com objectivos ilocutórios directivos, mas com efeitos perlocutórios diferentes, ao nível dos benefícios que podem reverter ou não para o alocutário. Imagine-se, por exemplo, o seguinte co(n)texto de ocorrência. Um condutor pára o automóvel numa via inclinada, descuida-se e a viatura começa a deslizar em direcção a uma parede. Um transeunte apercebe-se e grita, batendo no veículo:

(1) *Alto! Alto!*

O aviso preocupado interjectivo é, neste caso, um acto A-orientado cortês, pois o efeito desejado é a protecção da face negativa (o «território» automóvel) do alocutário. Trata-se, por isso, dum FFA, ao nível do efeito, cuja realização exige, como contrapartida, um acto reparador da parte do alocutário. Um «*Obrigado!*», pelo menos, se competente for, minimamente, no conhecimento e exercício da cortesia.

Imagine-se, agora, que o peão se encontra entre a viatura e a parede. O grito interjectivo «*Alto!*» seria descortês, um FTA, uma vez que o efeito desejado reverteria a seu favor, na protecção da sua face negativa (o «território» corporal). O acto reparador formulado pelo condutor já não seria de *agradecimento*, mas de *desculpa*. Ainda que devesse também agradecer, pois que o aviso ter-lhe-ia evitado responsabilidades civis e, eventualmente, prejuízos materiais. Neste sentido, a última ocorrência da interjeição é, numa primeira instância, descortês para o automobilista e cortês para o peão, mas, numa segunda instância, também cortês para o distraído condutor.

A definição 2, referindo que a interjeição «*Alto!*» se usa para manifestar *desacordo e/ou interrupção* da intervenção do interlocutor, situa as suas ocorrências no âmbito da descortesia. Se não forem acompanhadas de atenuadores, evidentemente. A interjeição é, nesses casos, um FTA que lesa as faces positiva e/ou negativa do alocutário, tratando-se, por isso, de actos mais ou menos descorteses. O sentido geral para a descortesia de tal interjeição prender-se-á com o facto de ela, como informa o *Dicionário*, ter a sua etimologia na

forma alemã «*halt!*, *imp[erativo] de *haken**», que significa parar. [DLPCACL, 2001 (vol. I): 191] Valor semântico-pragmático que se mantém em Português e que, por isso, é também utilizada como forma substituta do imperativo, no sentido de proibição, isto é, de acção ou actividade física ou verbal que não deve ser iniciada ou concluída.

As interjeições A-orientadas da coluna dos FFA's realizam actos de cortesia positiva, através dos quais L. valoriza e/ou enriquece as faces positiva e/ou negativa de A. É o caso das interjeições que expressam, em relação a A, por um lado, felicitações, elogios, cumprimentos, incitamentos, etc., e, por outro, as que expressam ou compartilham sentimentos de pesar, de dor, de compaixão, etc. Sejam, por exemplo, as interjeições «*Viva!*», para o primeiro conjunto, e «*Coragem!*», para o segundo.

Informa o *Dicionário* que «*Viva!*» é uma interjeição que «traduz aclamação, saudação festiva, júbilo», como, por exemplo em

(2) *Viva! A nossa equipa venceu o campeonato.* [DLPCACL, 2001 (vol. II): 3769]

Neste caso, a interjeição é um FFA: trata-se duma valorização das faces dos adeptos, no conjunto dos quais se inclui L.

Quanto a «*Coragem!*», o *Dicionário* refere que L, ao utilizar esta interjeição, visa «incutir ânimo, força perante o sofrimento ou qualquer dificuldade», como em

(3) *Coragem!, tudo se há-de resolver. Coragem!, a dor vai passar.* [DLPCACL, 2001 (vol. I): 972]

Ainda que a interjeição encerre directividade (um conselho e/ou um desejo), trata-se de um FFA: está orientado para a protecção da face positiva de A, ao ser uma manifestação de solidariedade para com ele, consolando-o e incentivando-o a vencer uma situação difícil.

As interjeições lexicais A-orientadas que realizam ou acompanham a realização de FTA's são descorteses, porque constituem ameaças para as faces de A's. Trata-se de expressões através das quais L *reprova, abomina, critica, se indigna, se revolta, se distancia, etc.*, em relação a alguém e/ou ao seu comportamento, por um lado, ou *se satisfaz, alegre, congratula, etc.*, com o mal que fez ou sucedeu a A, presente ou ausente, por outro.⁶

É o que se verifica, por exemplo, com o uso da expressão «*Bem, bem!*», que, segundo o mesmo dicionário, «exprime repreensão, censura ou reprovação», como em

(4) *Bem, bem! Olha que já sabes como elas te mordem!*⁷ (DLPCACL, 2001 (vol. I): 510)

Ou, então, com a locução «*Bem feita ou feito!*», que serve «para indicar que, na opinião do locutor, o mal que acontece é merecido», exprimindo também «satisfação pelo mal sucedido a alguém.» Como, por exemplo, em

(5) *Se não fosse o aquecimento central – confessava o Monsenhor – morria de frio. Era muito bem feito! Fosse para a natureza, lá para a fora, para o frio.* (DLPCACL, 2001 (vol. I): 510)

⁶ Os termos em itálico resultam das definições que o DLPCACL dá de interjeições que, em nosso entender, ameaçam a(s) face(s) do alocutário (FTA's).

⁷ O exemplo é retirado do livro *Cavalo do Lenço Amarelo* (p. 20), de Mário Castrim.

É, pois, a face positiva e/ou a face negativa de A que é mais ou menos atingida e lesada por estas interjeições. Situam-se, por isso, no âmbito dos fenómenos verbais da descortesia.

Os valores pragmáticos de cortesia ou de descortesia, que as expressões interjectivas lexicais podem exprimir, tornam-se mais evidentes, ao manipular-se o seu emprego. Procedendo-se ao teste da comutação, verifica-se, por um lado, que há expressões interjectivas que podem funcionar como quase-sinónimos, mas, por outro, que nem todas as substituições são possíveis, uma vez que tornam o enunciado agramatical ou de aceitabilidade duvidosa, ao nível da pragmática da *gramática* das relações de cortesia, pelo menos. Considere-se, por exemplo, a seguinte troca verbal.

- (6) P1 – Então, F., já acabou o curso?!...
 F1 – Sim, sr. professor.
 P2 – *Parabéns!*
 F2 – Obrigado!

A segunda intervenção do Professor (P2) é constituída apenas pela interjeição «Parabéns!», através da qual felicita o êxito de F. Não cuidando, agora, o tipo de relação interpessoal que as formas interjectivas também expressam, pressupõem ou estabelecem, entre L e A, a interjeição de felicitação pode ser substituída, entre outras, por

- (7) – *Muito bem! / Bravo! / Viva! / Boa! / Bestial! / Sim senhor! / Ótimo! / Estupendo! / Magnífico! / Excelente! / Porreiro! / Maravilha! / Formidável!*,

mas não, entre outras, por

- (8) – [*Cruzes! / Livro! / Safa! / Ora bolas! / Francamente! / Essa é boa! / Credo! / Pudera! / Bem feita! / Raios te partam! / Valha-te Deus!*]⁸

Termina-se esta breve exposição sobre os valores corteses e descorteses que as interjeições portuguesas podem expressar, com uma análise, também breve, de uma interacção verbal, inscrita no conto «Mestre grilo cantava e a gigante dormia», de Aquilino. Trata-se, como se verá, duma sequência polémica, onde as interjeições, enquanto expressão de descortêsias, desempenham, por um lado, um papel importante na organização e configuração discursivo-textual do diálogo e, por outro, no estabelecimento e manutenção duma relação interpessoal conflituosa.

Co(n)textualizando-se o diálogo, temos que, irritada com o permanente cantar do Grilo, que assim não a deixava dormir o *soninho descansado*, a Abóbora, sua vizinha, gritou-lhe, certa noite:

[A1] – Eh lá, seu casaca! Você não pode calar a caixa? Com tal brequefesta como hei-de eu dormir?!

[G1] – Ora a palerma! – retorquiu o grilo escandalizado – Não querem lá ver, tem-se na conta de menina e é tão mona. Ah! Sua calaceira, cante, cante connosco a chamar o Sol que se não demore muito detrás dos montes e nos traga alegria e claridade.

⁸ O asterisco marca a agramaticalidade de todas as expressões interjectivas, naquele contexto, colocadas entre parênteses rectos.

[A2] – Estou mesmo para isso! Olhe, sabe que mais, outro officio e deixe dormir quem tem sono.

[G2] – Outro officio!... Essa não é má! Saiba, sua estúpida, que eu nasci para cantar. Tenho-o como um dever. Quando não cantar, rezem-me por alma.»¹

(Ribeiro, 1989: 12-13)

É com uma locução interjectiva – **Eh lá** – constituída por uma interjeição «grito» (**Eh**) e por uma partícula enfática (**lá**), seguida dum vocativo, que é um tratamento insultuoso com valor também interjectivo – **seu casaca** – que a Abóbora, com [A1], se dirige ao Grilo. A Abóbora visa, assim, chamar a atenção do Grilo para o comportamento que ele está a ter, visto e sentido, simultaneamente, como estranho, desagradável e reprovável. Procura, deste modo (nestes modos), impedir que o Grilo continue a *cantoria*, objectivo que o acto injuntivo director – «*Você não pode clara a caixa?*» – realiza, apesar de indirectamente proferido, e o acto justificativo (subordinado) seguinte reforça – «*Com tal brequefesta como hei-de eu dormir?*».

Trata-se, por isso, duma intervenção que fere a face dupla do Grilo. A face negativa, porque lhe invade o território, porque o invoca depreciativamente («*seu casaca*»), porque lhe dirige um acto injuntivo, ainda que seguido de justificação, e porque lhe compara, depreciativamente, a actividade ao uma «*caixa*» e a uma «*brequefesta*». A face positiva, porque é a autoestima do Grilo que é ferida, não só através destes processos ora referidos, mas também através dos insultos que lhe dirige.

É também com uma locução interjectiva – **Ora a palerma!** – que inclui também um tratamento insultuoso, que o Grilo reage, expressando estranheza, indignação, desprezo e desvalorização pela Abóbora e pelo que ela acaba de dizer. Reacção emotiva intensificada, quando, em vez de responder directamente a [A1], ele convoca terceiros, através duma fórmula interlocutória também ela interjectiva – **Não querem lá ver** – para lhe desfigurar, de seguida, a face pública de falsa *menina* («*tem-se na conta de menina e é tão mona*»).

Este processo de referência delocutiva (melhor, alocutivo-delocutiva) é uma estratégia de descortesia. O locutor trata e refere-se ao interlocutor como um ausente, recusando, por um lado, participar de imediato na interacção verbal por ela iniciada e, por outro, dando início a outra troca verbal, de que o interlocutor é aparentemente excluído, ainda que tema desta nova troca verbal (incompleta, porque retórica). Trata-se, por isso, duma estratégia dialógica e polifónica de distanciamento descortês em relação à Abóbora. Só depois é que o Grilo se lhe dirige directamente, começando também por uma interjeição que, mais que confirmar o contacto, o estabelece, negativamente, porque realizado através de uma interjeição e de um insulto, também interjectivo – **Ah! Sua calaceira**.

Cabe observar que, com esta intervenção complexa, através da qual, por um lado, com [G1], não responde directamente ao acto director de [A1] e, por outro, propõe à Abóbora um tema de conversa diferente, o Grilo acentua a conflitualidade e as relações de descortesia estabelecidas entre ambos.

¹ Segundo os métodos de análise das interacções verbais, numerámos os turnos de fala de cada personagem – Abóbora e Grilo – procedendo-as da respectiva inicial ([A1], [G1], etc.).

Que a Abóbora não estava nada predisposta para a cantoria, di-lo ela na intervenção reactiva, através do enunciado interjectivo irónico – **Estou mesmo para isso!** – dando de imediato início a uma nova troca verbal, com [A2]. Recorre, para o efeito, mais uma vez, a construções preactos que apresentam, ao mesmo tempo, valores de natureza injuntiva (imperativos), fática (contacto e orientação discursiva), enfática (intensificação) e interjectiva (sentimentos) – **Olhe, sabe que mais, outro officio**. Preactos que são de considerar preparatórios do acto director – *deixe dormir quem tem sono* - e que constitui uma reformulação que explicita e reforça a injunção já realizada (tentada), com «*Você não pode calar a caixa?*», em [A1]. Desta feita, porém, a Abóbora não recorre a insultos nem a referências depreciativas. Aliás, a Abóbora, apesar de tudo, dirige menos insultos e é menos descortês que o Grilo.

O Grilo tenta continuar este «diálogo de surdos», retomando e repetindo o acto interjectivo **Outro officio!**, transformando-o em acto director, quando para a Abóbora mais não era do que a expressão (interjeição) de desagrado pela e de desvalorização da actividade do interlocutor. O acto director de [A2] continua a ser que o Grilo se cale e que a deixe dormir. Ao tomar, porém, **Outro officio!** como acto director, na intervenção [G2], o Grilo não só desvaloriza e desconsidera, mais uma vez, a face positiva da interlocutora, como também denega o objectivo ilocutório por ela pretendido. Denegação que é reforçada por mais uma locução interjectiva irónica – **Essa não é má!** – que, além dos valores de estranheza e discordância, funciona também como avaliação negativa da injunção tentada.

O Grilo ridiculariza, desse modo, a interlocutora, ao afirmar, ironicamente, que ela não sabe o que diz. Daí os preactos de natureza fática e enfática, também interjectivos, além de directivos e insultuosos, e por isso descorteses, com que o Grilo inicia a última intervenção – «**Saiba, sua estúpida** que eu nasci para cantar. Tenho-o como um dever. Quando não cantar, rezem-me por alma.» É com esta última intervenção que o Grilo responde, de facto, à questão inicialmente posta por A – «*Você não pode calar a caixa? Com tal brequefesta como hei-de eu dormir?!*» – depois repetida, por reformulação, em [A2], com «*deixe dormir quem tem sono.*»

São evidentes as várias funções que, nesta interacção verbal polémica, desempenham as expressões interjectivas destacadas ao nível da estruturação da sequência dialogal e, sobretudo, ao nível das relações interpessoais que os interlocutores estabelecem e desenvolvem. A este nível, são evidentes as funções fáticas de estabelecimento e/ou de manutenção de contacto, com que, através das interjeições, os interlocutores sistematicamente se interpelam um ao outro. É criada, assim, uma relação de claro conflito, com emoções e sentimentos extremados, que as interjeições expressam de modo intenso, a par dos insultos (também eles fáticos, enfáticos e interjectivos), ao mesmo tempo que anunciam, orientam e intensificam os actos directivos realizados com intenções de ordem, mas que a relação interpessoal estabelecida e desenvolvida, fortemente antagónica e descortês, fez redundar em actos discursivos completamente falhados. Aliás, quando dois interlocutores dirigem ordens um ao outro é porque entre ambos não existe uma relação de poder e nenhum deles se encontra obrigado, por isso, a cumpri-las.

Fica assim clara, a nosso ver, a importância que as expressões interjectivas têm ao nível das práticas discursivo-textuais e das relações interpessoais (cortesias e descortesias) que através delas também se estabelecem e manifestam, como expressões que são também duma competência discursivo-textual de cortesia e/ou de descortesia.

Referências

- Austin, John Langshaw (1972) *Quand Dire c'est Faire*. Paris: Seuil. (Trad. fr. de *How to do Things with Words*, Oxford University Press, 1962)
- Bakhtine, Mikhaïl (1992) *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes. (1.^a edição em Russo: 1979)
- (1970) *La Poétique de Dostoevski*. Paris: Seuil. (1.^a edição em Russo: 1929)
- Bakhtine, Mikhaïl & V. N. Volochinov (1992): *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec. (1.^a edição em Russo: 1929)
- (1981) La structure de l'énoncé. In Todorov, pp. 287-316. (1.^a edição em Russo: 1930)
- Brown, Penelope & Stephen C. Levinson (1996) *Politeness. Some universals in language*. Cambridge: Cambridge University Press. (1.^a edição: 1978/1987)
- Carreira, Maria Helena Araújo (1995) *Modalisation Linguistique en Situation d'Interlocution. Proxémique verbale et modalités en portugais*. Thèse de Doctorat d'État en Linguistique, Paris: Université de Paris IV – Sorbonne. (Edição em livro: 1997. Louvain-Paris: Éditions Peeters.)
- (2001) *Semântica e Discurso. Estudos de Linguística Portuguesa e Comparativa (Português/Francês)*. Porto: Porto Editora.
- Carvalho, José G. Herculano de (1973) *Teoria da Linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e a análise das línguas* (Tomo I e II). Coimbra: Atlântida Editora.
- DLPCACL – *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* (2001) (2 vols.). Lisboa: Verbo.
- Gião, Ana São (1988) *Eliquetaria e Boas Maneiras. A arte de viver em sociedade*. Lisboa: Edições 70.
- Goffman, Erving (1973) *La Mise en Scène de la Vie Quotidienne. 1. La présentation de soi*. Paris: Minuit. (Trad. fr. de *The Presentation of Self in Everyday Life*, 1956); 2. *Les relations en public*. Paris: Minuit. (Trad. fr. de *Relations in Public: Microstudies of the Public Order*, 1971)
- (1974) *Les Rites d'Interaction*. Paris: Minuit. (Trad. fr. de *Interaction Ritual: Essays on Face-to-face Behavior*, 1967)
- Gonçalves, Miguel (2002) *A Interjeição em Português. Contributos para uma abordagem em semântica discursiva*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Grice, Paul (1995) Logic and conversation. In *Studies in the Way of Words*. Harvard University Press, pp. 22-40. (1.^a edição do artigo: 1975)
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (1996) *La Conversation*. Paris: Seuil.
- (1992) *Les Interactions Verbales* (Tomo II). Paris: Seuil.

- Lakoff, Robin Tolmach (1973) The logic of politeness; or, minding your p's and q's. In Corum, C. et al. (eds.) *Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago Linguistic Society, pp. 292-305.
- Leech, Geoffrey N. (1996) *Principles of Pragmatics*. London & New York: Longman. (1.^a ed., 1983)
- Medeiros, Sandi Michel de Oliveira (1985) *A Model of Address Form Negotiation: a Sociolinguistic Study of Continental Portuguese* (Dissertation). University of Texas.
- Ribeiro, Aquilino (1983) *Terras do Demo*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- (1989) *Arca de Noé, III Classe*. Venda Nova: Bertrand.
- Rodrigues, David Fernandes (2002) *Cortesia Linguística, uma Competência Discursivo-textual (Formas verbais corteses e descorteses em Português)*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- (2000) Cortesias e descortesias duma senhora de muita treta. In *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Faro, 29-30 de Set.^o e 1 de Out.^o de 1999). Braga: APL, pp. 257-286. Também em *Cadernos Aquilinos*, 11, pp. 51-80.
- Searle, John (1981) *Os Actos de Fala. Um ensaio de filosofia da linguagem*. Coimbra: Almedina. (Trad. port. de *Speech Acts. An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge University Press, 1969)
- (1982) *Sens et Expression. Études de théorie des actes de langage*. Paris: Minuit.
- Sirdar-Iskandar, Christine (1980) *Eh bien! Le russe lui a donné cent francs*. In Ducrot, Oswald et al. *Les Mots du Discours*. Paris: Minuit, pp. 161-191.
- Todorov, Tzvetan (1981) *Mikhaïl Bakhtine, le Principe Dialogique*. Paris: Seuil.